

## REPRESENTAÇÕES DO ESCRITOR COMO PERSONAGEM NA OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Germana H. P. de Sousa  
Universidade de Brasília – Instituto de Letras UnB/IL

A análise da representação do escritor como personagem da obra literária poderia ser tomada como um problema fácil de ser analisado nos diários de Carolina de Jesus, devido às características próprias a esse gênero literário. Porém, parece-me que o fato de *Quarto de despejo* (QD) e *Meu estranho diário* (ED) serem o resultado de compilações de textos de Carolina editadas e publicadas por outros que não ela mesma já nos coloca de chofre diante de um problema de autoria, pois, sobretudo no caso de QD, lançamento de Carolina na cena literária nacional, a sombra de Audálio Dantas, o "descobridor" e revelador da então desconhecida "escritora favelada", paira sobre a obra, dentro e fora, enquanto narratário/destinatário da narrativa, e editor.

Essa forma narrativa revela, no caso em tela, a busca por uma identidade autoral: ao dizer "eu", Carolina não só se coloca no texto, mas determina-o por meio da afirmação - eu escrevo, eu sou poeta, "poeta do lixo", "poeta dos pobres". Trata-se não apenas de uma escolha formal, mas como esperamos demonstrar, de um imperativo. Carolina quer surpreender a todos, provando - pela construção de uma identidade autoral - que é possível ser "preta, pobre, mulher" e ser poeta.

O diário íntimo tem como característica principal o relato do cotidiano, que representa para o autor uma pausa, um momento em que pára o tempo para refletir acerca dele e daquilo que vivenciou. O diário, em sua forma canônica, permite reflexões, muitas vezes metafísicas e filosóficas, não só acerca da vida pessoal do autor mas também acerca do momento histórico. As anotações feitas no dia-a-dia, com data - dia, mês e ano – revelam para o leitor as mudanças que perpassam o autor, seus humores, amores, tristezas e alegrias, de duas maneiras diferentes e por

vezes até contraditórias, de um lado a visão e as reações de um determinado momento (dia, hora, minuto, os desdobramentos são infinitos); de outro, a reflexão e/ou conclusão acerca da mesma visão/sensação agora já elevada ao nível de uma elaboração interpretativa, ou seja, de um nível de compreensão posterior e geral. O leitor segue o passar do tempo, juntamente com o autor, acompanhando, assim, a trajetória de vida deste, muitas vezes surpreendendo-se com ele dos rumos que toma a História ou a sua própria história de vida.

Em *Quarto de Despejo*, há um destinatário desdobrado em várias figuras: os favelados, para quem o livro é uma ameaça constante; os leitores, de quem Carolina busca aprovação: *Eu prefiro empregar meu dinheiro em livros do que no álcool. Se você achar que eu estou agindo acertadamente, peço-te para dizer: - Muito bem, Carolina!* (QD, p. 73; grifo meu); o repórter Audálio Dantas, o destinatário mais importante, por ser o responsável pela retomada da escrita do diário por Carolina (VOGT: 1995, p. 213). O fato de haver uma instância de interlocução no diário, evidenciada pela presença textual dos narratários extradiegéticos (contrapontos da voz da autora), coloca a autora-narradora numa posição de enfrentamento com relação a um "tu", no caso, Audálio, de quem depende sua publicação e seu passaporte de escritora. Assim, desse "tu" depende a verificação prática, real, da existência do "eu". A escritora Carolina de Jesus só poderia existir nesse embate com relação a uma comunicação, a um sistema de interação que, no caso, ultrapassa o sistema interno de interlocução da literatura (cabem aí as definições de narratário implícito), para alcançar o sistema mais amplo de produção do texto literário que implica público, editor, mercado distribuidor etc.

Carolina já alimentava o desejo de ser reconhecida como autora, na realidade, como “poeta”. Para Meihy, "Carolina foi e era por autodefinição *poeta*. Sequer dizia-se poetisa. Sem entender o significado disto, tudo o que for dito sobre ela soará pouco e, mais que incompleto, vazio" (MEIHY: 1996, p. 17). Não foi, portanto, o repórter Audálio Dantas que despertou o

desejo de Carolina de tornar-se uma escritora, ele apenas tornou-o possível. Carolina já tinha essa identificação com a escrita, sobretudo poética, introjetada pela leitura de poetisas tais como Castro Alves e Casimiro de Abreu, ambos referidos em QD. O fato de ter retomado a escrita do diário, após contato com Audálio, não invalida de forma alguma sua experiência, que é única, por ter sido capaz de representar o mundo no qual viveu, o que realmente a caracteriza como escritora.

O destinatário é a instância responsável pela afirmação de Carolina enquanto escritora. Esta é a principal razão da escrita do diário. Muito mais do que narrar a favela, Carolina queria mostrar para si e para os outros que era capaz de fazê-lo.

A vida de Carolina narrada nos diários transcorre sem grandes variações. De seu ponto de vista, a realidade não muda. Ainda que o espaço narrado seja por vezes diferente, ele está incluído num espaço-tema da narrativa que é sempre o mesmo - a favela do Canindé e algumas ruas da cidade de São Paulo. O tempo do enunciado (da diegese) é por sua vez repetitivo, rege um sucedâneo de ações que é sempre idêntico. O tempo/espaço da diegese é regido por essa recorrência absoluta, que é cronológica com relação ao tempo e repetitiva com relação aos atos praticados em um determinado espaço, pré-definido.

Entretanto, a ordem em que os fatos cotidianos são narrados é parte de um artifício narrativo como se dá em qualquer obra literária. A repetição das mesmas cenas e da ordem cronológica parece indicar a construção de um padrão narrativo. Carolina de Jesus aprendeu que se narrava assim um diário. O tom objetivo no contar revela que o texto vai além das fronteiras do diário íntimo, cujo foco seria colocado na observação de uma vida interior. Apesar desse aspecto ser contemplado, trata-se também de uma tentativa objetiva de contar o mundo em que vive, atua. Daí a forma que, por vezes, beira a de um relatório dos eventos da favela, o que revela a hibridez dessa obra que remete ao diário íntimo, pela narrativa fragmentária dos dias, e ao romance autobiográfico, por ser uma descrição da vida da autora. Por outro lado, pode-se

depreender daí a recepção do diário como narrativa de testemunho, pois, narrando-se, Carolina também pretende narrar a favela.

Segundo a crítica canadense Annie Catin<sup>1</sup>, o que constitui o diário é o pacto de autenticidade que se estabelece na recepção do gênero íntimo; o leitor tem que aceitar o narrado como verdadeiro. A forma do diário íntimo estabelece *a priori* um "pressuposto de verdade". Para ela, "o que está em jogo é muito mais o pressuposto de verdade sobre o qual se baseia a leitura dos gêneros íntimos e sobre o qual, portanto, fundamentam-se sua especificidade e seu estatuto dentro do sistema literário, do que a verdade daquilo que é contado nos escritos íntimos". Porém, a meu ver, longe de perder algum valor como texto por não gozar do prestígio do ficcional, o pressuposto de verdade pode servir como *foyer de résistance* com relação à ficção e ao literário, o que pode representar uma vantagem. Receber o diário de Carolina também como literatura de testemunho (*littérature du vrai*, para Catin) é dar-se conta de um texto que se realiza nas franjas do literário, não como um fato negativo (valor literário menor, inferior), mas como um aspecto positivo, uma vez que esse texto se inscreve como um discurso que tenta furar o bloqueio da alta literatura ficcional. O contra-literário, na acepção de Jonh Beverley (BEVERLEY: 1993), permite contar aquilo que é deixado de fora pelo discurso hegemônico da instituição literária: a voz do subalterno, daquele que está fora do sistema educacional, dos códigos da *cidade letrada* (Beverley emprega a expressão cunhada pelo comparatista uruguaio Angél Rama ao estudar o tecido discursivo na formação das cidades da América Latina). O texto de testemunho dá voz a uma comunidade silenciada pelo poder hegemônico, permite-lhe recuperar sua identidade e, assim, seu lugar na História. Entretanto, em QD e em ED, a voz do testemunho e da subalternidade está posta lado a lado com uma outra voz, que exige

---

<sup>1</sup> CATIN, Annie *Les écritures intimes aux frontières du réel ou: une littérature du vrai est-elle possible?* Pesquisadora da Universidade de Quebec, UQAM, Annie Catin figura no site francês sobre teoria literária: <http://www.fabula.org.fr>.

reconhecimento, não como voz subalterna, embora não possa deixar de sê-lo, mas como voz literária, poeta.

É no contar que Carolina mostra o passar do tempo, contrariando a inexorabilidade de sua condição social de favelada, de excluída sem direito à voz. Apesar de narrar a imobilidade da condição social de todo favelado, Carolina mostra em filigrana, na relação e no retrato da sucessão dos dias e das ações que protagoniza, o desejo de construir paulatinamente uma experiência de vida calcada na escrita da vida. *O diário de uma favelada* passeia pelas ruas da favela e pelas ruas de São Paulo. Reúne, às vezes, na narrativa de um mesmo dia, a lama e as flores. A favela é descrita em seus piores aspectos: a violência, a inutilidade da vida, a repetição do eterno quadro da fome e da luta pela sobrevivência. Os dias são descritos em sua linearidade cronológica, como um registro dos fatos ocorridos, sempre os mesmos, e também como uma folha de apontamentos para tudo aquilo que a autora consegue amearhar durante sua peregrinação pelas ruas da cidade, catando no lixo papéis, ferro-velho e comida. É o seu trajeto que determina encontros e desencontros. Os temas dos diários são a falta de recursos e a luta pela sobrevivência.

A vida de Carolina está encerrada nesse espaço e nessa temporalidade: buscar água, catar lixo, vender o lixo, comprar comida, fazer a comida, dar a comida aos filhos, banhar os filhos, levá-los à escola, refazer o mesmo percurso, lavar roupa, recomeçar. Segundo Carlos Vogt, "essa luta é vã, porque fadada a consumir-se no imediatismo do consumo dos recursos que o habitante da favela pode ter ao seu alcance" (VOGT: 1995, p. 208).

É na repetição do gesto cotidiano de relatar sempre o mesmo dia que vemos se construir o edifício literário de uma experiência singular. É por meio da anotação das datas de cada dia em que ela escreve que temos a exata medida do esforço empreendido na busca de uma subjetividade por um espaço de afirmação. Nessa instância da narração, Carolina julga a política brasileira, tira

conclusões daquilo que vê quando faz o percurso da catação do lixo. Os moradores da favela tornam-se, por sua vez, personagens dessa história. Aqui, "a poeta" Carolina preocupa-se com editores brasileiros "que não dão vez aos escritores pobres do Brasil", e destina o seu relato aos repórteres que podem fazê-la sair da imobilidade social do quarto de despejo em que vive. Também é ciosa do estilo de narração e pede desculpas aos leitores por contar os seus dias sempre da mesma maneira:

*16 de outubro ... Vocês já sabem que eu vou carregar água todos os dias. Agora vou modificar o início da narrativa diurna, isto é, o que ocorreu comigo durante o dia.* (QD, p. 121).

Na esteira dos trabalhos de Antonio Candido, o comparatista italiano Franco Moretti (MORETTI: 1999) afirma que se, na literatura dos países periféricos, a forma é importada, o conteúdo e a voz do narrador são locais. A forma importada não é assimilada passivamente. Há mudanças. No caso de Carolina de Jesus, a forma do diário canônico é modificada, pois há um destinatário que é seu próprio editor. Sendo assim, essa fratura, essa não-obediência à forma, revela a diferença. Por outro lado, esse destinatário compreendido na obra de Carolina remete a seu desejo de afirmação de uma autoria: escrever para ela é escrever para. Ela quer fazer parte do sistema literário brasileiro, paradoxalmente, o mesmo sistema que a exclui, dado que a literatura é uma instituição vinculada ao sistema educacional e de produção de conhecimento. Por isso, os destinatários são, de um lado, os leitores (*vocês*) e, de outro, os editores, os jornalistas, sempre referidos em sua obra, personagens indiretos, mas intimamente ligados ao processo de produção da escrita (Carolina tematiza o preço dos livros, dos cadernos, do envio dos manuscritos para publicação nos EUA, do preço da folha de papel). É preciso entender o diário de Carolina nesse duplo aspecto: o narratário e a relação da autora-narradora com a busca de afirmação autoral. Como o centro de suas preocupações ultrapassa o mero desejo de escrever para si, a instância da

interlocução - o outro ouvinte, leitor, interlocutor de seu discurso - vira matéria palpável, uma das instâncias da narrativa no diário dela, o *tu*, portanto.

O projeto de Carolina de Jesus de ascensão social pela escrita é visto como um equívoco pela pesquisadora Marisa Lajolo “porque, enquanto alavanca social, a literatura cobra um preço alto dos aspirantes a sócios de seu clube exclusivo... Preço talvez alto demais para uma mulher negra e pobre que recusava sempre os *scripts* que lhe reservava a sociedade branca culta” (LAJOLO: 1996, p. 60). Carolina quer se assenhorar do discurso do “mundo dos brancos”, mas esse mundo lhe cobra muito caro: que não seja negra nem suja nem mãe solteira e que, sobretudo, não exija nada. Carolina precisa dominar a gramática da cidade letrada. Terreno de contradições e ambigüidades, a linguagem de Carolina é também o local de construção de sua subjetividade e, portanto, de sua identidade; por meio dela estabelece seu *locus* de enunciação. É impossível compreender essa autora sem também compreender o local de onde fala: a periferia de uma cidade da América Latina, com o peso da condição histórica da colonização e do projeto de modernidade que não se completa (RAMA: 1985). A escrita de Carolina representa uma das etapas da colonização que ficou para trás. Ao lado do progresso tecnológico e social que o Brasil estava alcançando na época, final da década de 1950, como fica claro a partir das observações de Meihy e Lajolo relatadas acima, todo um país havia ficado para trás em diferentes etapas da modernização. Antonio Candido, em *Literatura e Subdesenvolvimento* (CANDIDO: 1993), afirma que a posição da voz do dominado está sempre amordaçada, nunca vai aparecer de modo diferente. De fato, a linguagem de Carolina mostra que, por mais que ela tente fugir de sua condição, a cidade letrada sempre a recusa. Prova disso foi o silenciamento imposto à autora, que teve seus outros textos recusados para publicação, o que a levou a editar alguns por conta própria.

Nesse universo de pura contradição, Carolina serve-se da única arma que tinha à disposição, a escrita. Porém, assim fazendo, expressa por meio de sua linguagem as dificuldades que tem para conseguir ser ouvida. Usa a arma do colonizador - a língua - para tentar denunciar a exclusão, mas ao fazê-lo reproduz modelos e preconceitos do que é a "boa" linguagem e do que é a "boa" literatura. Daí o seu conservadorismo formal, suas frases lapidares, sobretudo, sua poesia acadêmica (LAJOLO: 1996, p. 47). A literatura torna-se então um elemento do processo civilizatório, arma tão poderosa que é mais do que o processo, é a própria civilização. É interessante notar a forma como a autora responde a essa questão e como é mostrado em seu texto o conceito de civilização e de literatura, como ela acredita que a educação possa libertar as pessoas da favela. A escritura de Carolina mostra a ausência de alternativa, para uma pessoa das classes populares no Brasil, de se expressar de modo tão vigoroso que possa ser ouvida. Essa escritura mostra, portanto, uma subjetividade que internalizou de modo inconsciente a cidade letrada, a língua do dominador, para poder falar.

A principal característica da escritura de Carolina de Jesus, sua singularidade, é a fratura que existe na sua linguagem, nessa língua própria criada nas margens da escrita literária canônica: é o conteúdo local e sobretudo a voz local, como disse Moretti. Sua singularidade é também consequência do desdobramento entre autora e personagem, característica esta intrínseca à forma do diário, que permite uma auto-reflexão e uma indagação acerca de si mesma e de sua exclusão. Paradoxalmente, poderíamos dizer a respeito dela que seu "valor de resistência" (RICHARD: 1997, p. 350) talvez esteja justamente em sua recusa de corresponder ao desejo da cidade letrada, que é o de mantê-la no seu lugar, sem permitir-lhe a inserção no mundo bem posto da literatura nacional, composto em sua maioria por homens brancos (com raras exceções, como a de Machado de Assis e a de Lima Barreto). Sua resistência é a mesma que oferece com relação



a sua condição e é o que lhe permite sair dela, ainda que precariamente - sua teimosia e sua escrita, que também é teimosa.

### **Referências Bibliográficas**

BASTOS, Hermenegildo. *Memórias do Cárcere: literatura e testemunho*. EdUnB. Brasília, 1998.

BEVERLEY, Jonh. *Against Litterature*. University of Minnesota Press. Minnesota, 1993.

CANDIDO, Antonio. "Literatura e subdesenvolvimento". In *O discurso e a cidade*. Ed. Duas Cidades. São Paulo, 1993.

CATIN, Annie *Les écritures intimes aux frontières du réel ou: une littérature du vrai est-elle possible?* <http://www.fabula.org.fr>.

LAJOLO, Marisa. "A leitora no quarto dos fundos". In *Leitura: teoria e prática*. Revista semestral da Associação de Leitura do Brasil, UNICAMP. Ed. Mercado Aberto. Ano 14, junho de 1995, número 25.

— "Poesia no quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina". Apud Meihy (org.) *Antologia Pessoal, poemas de Carolina de Jesus*; [revisão de] Armando Freitas Filho. EdUFRJ, Rio de Janeiro, 1996; p. 10-17.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. "O inventário de uma certa poetisa". In *Antologia Pessoal, poemas de Carolina de Jesus*, (org.); [revisão de] Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1996.

— *Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio*. In Biblioteca Virtual de Direitos Humanos da USP, [www.usp.br](http://www.usp.br), sem data.

MORETTI, Franco. *Atlas of the European novel - 1800 - 1900*. London – New York, Verso, 1999.

VOGT, Carlos. "Trabalho, pobreza e trabalho intelectual" (O Quarto de Despejo, de Maria Carolina de Jesus). Apud Schwartz, Robert, *Os pobres na literatura brasileira*. Ed. brasiliense. São Paulo, 1983; p. 205-213.

RAMA, Ángel. "La ciudad letrada". In *La critica de la cultura en America Latina*, prólogos por Saúl Sosnovski y Tomás Eloy Matínez. Caracas: Biblioteca Ayacucho, nº. 119, 1985.

RICHARD, Nelly. "Intersectando latinoamérica com el latinoamericanismo: saberes académicos, práctica teórica y critica cultural". In *Revista de Crítica Cultural*. Santiago - Chile. Revista Iberoamericana, vol. LXIII, número 180, julio-septiembre, 1997; 345-361.